



**FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA EQUATORIAL
COORDENAÇÃO DE TEOLOGIA
CURSO DE BACHARELADO EM TEOLOGIA**

REGIVAN DA CONCEIÇÃO SANTOS

As Esperanças Messiânicas Judaicas e Seus Cumprimentos em Jesus

BELÉM-PARÁ
2013



**FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA EQUATORIAL
COORDENAÇÃO DE TEOLOGIA
CURSO DE BACHARELADO EM TEOLOGIA**

REGIVAN DA CONCEIÇÃO SANTOS

As Esperanças Messiânicas Judaicas e Seus Cumprimentos em Jesus

Trabalho apresentado em cumprimento às exigências do curso de **Bacharel em Teologia** da Faculdade Teológica Batista Equatorial, na orientação do professor Elcio Sant'Anna.

BELÉM-PARÁ
2013

REGIVAN DA CONCEIÇÃO SANTOS

MONOGRAFIA

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito final para obtenção de grau de
Bacharel em Teologia pela FATEBE –
Faculdade Teológica Ba tista Equatorial/
orientado pelo professor Elcio Sant’Anna.

Banca Examinadora

1. _____
Prof. Elcio Sant’Anna - Orientador
2. _____
José Carlos Costa- Avaliador
3. _____
José Antonio Mangoni- Avaliador

Aprovado em/...../.....

Conceito: _____

AGRADECIMENTOS

A Deus, a quem pertenco, pela oportunidade de me fazer seu.

À minha família, pelo apoio ao longo de minha vida, e, principalmente, ao longo dos últimos quatro anos.

À minha noiva Laurenice Nogueira da Conceição, por me amar e me compreender; também pelo apoio técnico.

À Primeira Igreja Batista em Bom Jesus, pelo apoio prestado.

Ao meu orientador, professor Elcio Sant'Anna, por ser tão excelente na prática de orientar; por ter sido mais que um facilitador, um amigo.

Ao corpo docente da Fatebe, o qual foi imprescindível no processo de minha formação acadêmica, principalmente aos professores José Carlos Costa e Antonio Carlos Soares pelo apoio técnico.

E aos meus amigos, os quais contribuíram direta ou indiretamente comigo.

RESUMO

Neste trabalho discutiremos de forma preliminar o messianismo no judaísmo do tempo de Jesus. Para tal, identificaremos a ideia de Messias presente em alguns representantes da literatura judaica anterior ao contexto do primeiro século: Daniel, I Enoque e Isaías; apresentaremos um breve panorama das esperanças messiânicas correntes entre os judeus contemporâneos a Jesus, destacando dentre eles os essênios e os fariseus; e, por fim, verificaremos se Jesus se propôs a corresponder a tais esperanças.

PALAVRAS-CHAVE: Messias; Esperança; Judaísmo.

ABSTRACT

At this paper we will discuss, in preliminary way, the messianism in the Judaism at Jesus period. To that, we will identify the idea of Messiah presents in some representatives of Jewish literature before the context of the first century, Daniel, I Enoch e Isaiah. We will introduce a brief view of messianic hopes current among the Jews contemporaries to Jesus, highlighting among them the Essenes and Pharisees, and, at last, we will verify if Jesus proposed himself to match those hopes.

Keywords: Messiah, hope and Judaism.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	08
2. O CONCEITO MESSIÂNICO NA LITERATURA JUDAICA.....	10
2.1. O MESSIANISMO EM DANIEL.....	10
2.2. O MESSIANISMO EM I ENOQUE.....	13
2.2.1. O Eleito.....	13
2.2.2. O Filho do Homem.....	14
2.2.3. O Ungido.....	15
2.3. O MESSIANISMO EM ISAÍAS.....	16
2.3.1. Isaías 9.1-7.....	17
2.3.2. Isaías 11-12.....	18
2.3.3. Isaías 32.1-8.....	19
3. ESPERANÇA MESSIÂNICA JUDAICA NO TEMPO DE JESUS.....	21
3.1. O AMBIENTE POLÍTICO, SOCIAL, ECONÔMICO E RELIGIOSO.....	21
3.2. O MESSIANISMO NOS ESSÊNIOS E NOS FARISEUS.....	25
3.2.1. Os Essênios.....	25
3.2.2. Os Fariseus.....	27
4. JESUS E AS ESPERANÇAS MESSIÂNICAS ESSÊNIAS E FARISAICAS.....	30
4.1. A PESSOA E OBRA DE JESUS.....	30
4.2. COMO AS PESSOAS VIAM JESUS.....	33
4.3. COMO JESUS VIU A SI MESMO.....	36
5. CONCLUSÃO.....	40
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	42

1. INTRODUÇÃO

A sociedade judaica do tempo de Jesus viveu em um ambiente hostil, fortemente marcado por disputas sociais, econômicas, políticas e religiosas. Essa situação foi fator resultante de uma série de dominações por supremacias diferentes, iniciadas com o reinado dos Ptolomeus do Egito, seguidos dos Selêucidas da Síria, os quais foram sucedidos pela dinastia hasmonéia após a conquista na revolta dos Macabeus, período no qual estiveram sob a liderança israelita. Só depois desta última veio a dominação romana, sob a qual Jesus nasceu.

Durante a alternância de dominação sobre os israelitas, e em função dela, os judeus tiveram que conviver com uma enorme disparidade social, econômica, política e religiosa, que ocasionou grandes antagonismos nestas esferas, levando ao surgimento de alguns grupos de dissidência. Os grupos judaicos do tempo de Jesus inseridos no contexto descrito acima, de acordo com seu estrato social e pretensões políticas e religiosas, possuíam esperanças próprias, dentre as quais estavam as esperanças messiânicas. As esperanças messiânicas consistiam na vinda do Messias. O termo Messias vem da palavra hebraica *masîah*, que quer dizer “ungido”. Esse termo era usado para designar o rei de Israel, mas, também para sacerdotes e profetas, bem como para todo homem encarregado por Deus a realizar alguma missão particular para com o povo do Senhor.

No presente trabalho discutiremos, de forma preliminar, o messianismo no judaísmo do tempo de Jesus. Para tal, no primeiro capítulo, identificaremos a ideia de Messias presente em alguns representantes da literatura judaica anterior ao contexto do primeiro século: Daniel, I Enoque¹ e Isaías, e verificaremos que influências exerceram nos grupos judaicos contemporâneos a Jesus, que serão estudados no capítulo 2; no segundo capítulo apresentaremos um breve panorama das esperanças messiânicas correntes entre os judeus contemporâneos a Jesus, destacando dentre eles os essênios e os fariseus, identificando quais as características do Messias era esperado por eles, e quais obras realizaria; por fim, no terceiro capítulo, verificaremos se Jesus assumiu a responsabilidade de corresponder às esperanças que os essênios e/ou os fariseus possuíam em um Messias, assumindo-as para si.

¹ Livro apócrifo, também conhecido como Enoque Etíope, cuja escrita é normalmente situada no final do século II a.C.

No final deste estudo, não só conheceremos o posicionamento de Jesus a respeito do messianismo presente nos essênios e fariseus de sua época, mais refletiremos, ainda que introdutoriamente, a natureza do ministério de Jesus. Trabalharemos com a hipótese de que Jesus não assumiu grande parte das esperanças judaicas em um Messias, inclusive as presentes nos essênios e fariseus. Por meio de pesquisa bibliográfica estabelecendo um quadro comparativo entre, de um lado, essênios e fariseus, e, de outro, Jesus, no tocante ao messianismo, pretendemos descobrir se Jesus assumiu as esperanças messiânicas presentes nos essênios e nos fariseus.

2. O CONCEITO MESSIÂNICO NA LITERATURA JUDAICA

O messianismo não é um tema exclusivo da época em que Jesus viveu e desenvolveu seu ministério público aqui na terra, mas é um assunto que vem sendo tratado com diversos enfoques desde tempos antigos. Muitos são os textos que tratam deste tema. O assunto é desenvolvido não somente em textos judaicos, mas em documentos de outras religiões e regiões. Porém, neste capítulo, o nosso objetivo é tratar do conceito messiânico exclusivamente na literatura judaica do período que antecede a Jesus. Para melhor aprofundamento, limitaremos a pesquisa ao livro de Daniel, I Enoque e Isaías.

2.1. O Messianismo em Daniel

O livro de Daniel é, normalmente, dividido em duas grandes partes. Na primeira parte encontram-se as narrativas (1-6), e na segunda contém as visões proféticas de Daniel (7-12). Em ambas as partes, podemos encontrar a figura de um Messias. No capítulo 2 do livro, Daniel faz a narrativa e dá a interpretação do sonho do rei Nabucodonosor. No capítulo 7, contém o relato do sonho sobre quatro animais.

Para iniciarmos nosso estudo do messianismo presente no livro de Daniel, vejamos o texto de Daniel 2:31-35:

31- Tu, ó rei, estavas vendo, e eis aqui uma grande estátua; esta, que era imensa e de extraordinário esplendor, estava em pé diante de ti; e sua cabeça era de fino ouro, o peito e os braços, de prata, o ventre e os quadris, de bronze; as pernas de ferro, os pés, em parte, de ferro, em parte, de barro. Quando estavas olhando, uma pedra foi cortada sem auxílio de mãos, feriu a estátua nos pés de ferro e de barro e os esmiuçou. Então, foi juntamente esmiuçado o ferro, o barro, o bronze, a prata e o ouro, os quais se fizeram como a palha das eiras no estio, e o vento os levou, e deles não se viram mais vestígios. Mas a pedra que feriu a estátua se tornou em grande montanha, que encheu toda a terra.²

A grande e esplêndida estátua é normalmente interpretada como representação de reinos terrenos. No texto, o fato de a estátua ser destruída, representa o fim desses grandes reinos. O que ocasionou a destruição da estátua foi uma grande pedra, que,

² SAGRADA, Bíblia. **Almeida Revista e atualizada**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2006. p. 891.

segundo Pierre Grelot, não é uma metáfora, mas um símbolo aberto à interpretação alegórica, que a tradição judaica adotou, enxergando uma alusão ao Messias³.

Se identificarmos o Messias com a grande pedra que feriu e destruiu a estátua presente no sonho de Nabucodonosor, visto que essa representa as grandes e poderosas potências, esse messias seria poderoso, e, indo de encontro a essas potências, viria a destruí-las e as tornaria como palha.

Observa-se que a grande pedra foi cortada sem auxílio de mãos, isso nos dá uma indicação de que não houve nenhuma interferência humana que pudesse promover a vinda do Messias. Assim, se, como Grelot, concordamos que a ação da pedra para a destruição da estátua representa a vinda do reino de Deus⁴, devemos crer que foi Deus quem promoveu tal acontecimento.

Se adotarmos o raciocínio de identificação da pedra com o Messias, e da estátua com potências mundiais, teremos que afirmar também que o messianismo presente no texto apresenta um messias que destrói grandes reinos, nesse caso, reinos que exercem domínio sobre Israel.

Agora vejamos Daniel 7:9-14:

9- Continuei olhando, até que foram postos uns tronos, e o Ancião de Dias se assentou; sua veste era branca como a neve, e os cabelos da cabeça, como a pura lã; o seu trono eram chamas de fogo, e suas rodas eram fogo ardente. 10- um rio de fogo manava e saía de diante dele; milhares de milhares o serviam, e miríades de miríades estavam diante dele; assentou-se o tribunal, e se abriram os livros. 11- Então, estive olhando, por causa da voz das insolentes palavras que o chifre proferia; estive olhando e vi que o animal foi morto, e o seu corpo desfeito e entregue para ser queimado. 12- Quanto aos outros animais, foi-lhes tirado o domínio; todavia, foi-lhes dada prolongação de vida por um prazo e um tempo. 13- Eu estava olhando nas minhas visões da noite, e eis que vinha com as nuvens do céu um como o Filho do Homem, e dirigiu-se ao Ancião de Dias, e o fizeram chegar até ele. 14- Foi-lhe dado domínio, e glória, e o reino, para que os povos, nações e homens de todas as línguas o servissem; o seu domínio é domínio eterno, que não passará, e o seu reino jamais será destruído.⁵

³ GRELOT. Pierre. **A Esperança Judaica no Tempo de Jesus**. *Coleção Jesus é o Cristo*. Vol 10. São Paulo: Edições Loyola, 1996. p. 38.

⁴ Id. Ibid. p. 38.

⁵ SAGRADA. Op. Cit, pp. 898-899.

Nossa proposta para esse texto é que o Ancião de Dias seja identificado com Deus, os animais com reinos, os chifres do quarto animal com reis, e “um como o Filho do Homem” com o Messias, sendo que este último necessita de mais atenção e um olhar cuidadoso. Há dois elementos novos presentes neste texto em relação a Daniel 2. O primeiro é a presença de Deus, que assume o papel de juiz e destrói os animais, enquanto no texto anterior quem assumiu papel semelhante foi a grande pedra, que por sua vez foi cortada sem ajuda de mãos. Em segundo lugar, temos a presença de “um como filho do homem”, figura que também não está presente no contexto de Daniel 2 (dois), a menos que o identifiquemos com a grande pedra que foi cortada com o auxílio de mãos.

O contexto de Daniel 7 (sete) é muito hostil, pois descreve uma sucessão de dominações por grandes potências mundiais, quatro, para ser preciso, e tudo indica que são as mesmas descritas no capítulo 2 (dois). Depois, de um só reino, o texto mostra que se levantariam vários reis, dez, a priori, seguidos de um último. O autor enfatiza que o quarto reino seria ferrenho contra a terra (seus habitantes), e especialmente o último chifre faria guerra contra os “santos do altíssimo”, prevalecendo.

O “Ancião de Dias” aqui aparece como um juiz e redentor. Com a chegada desse personagem, o quarto animal é morto e é tirado o domínio dos outros. Eis uma questão a ser discutida: nos versículos 13 e 14, é dito que o domínio, a glória e o reino foram dados ao personagem descrito como “um como Filho do Homem”, para que os povos, nações e homens de todas as línguas o servissem, e seu domínio é tido como eterno, que não passará. E o seu reino jamais será destruído. Porém, nos versículos 18, 22 e 27 é afirmado que os santos do Altíssimo receberam o reino e o possuirão para todo o sempre, de eternidade a eternidade; que o “Ancião de Dias” fez justiça aos santos do Altíssimo; e veio o tempo em que os santos possuíram o reino; e o reino, o domínio e a majestade dos reinos debaixo de todo o céu serão dados ao povo dos santos do Altíssimo; o seu reino será eterno e todos o servirão e o obedecerão.

As promessas direcionadas a “um como Filho do Homem” e aos santos do Altíssimo são praticamente as mesmas. GreLOT tenta resolver isso, quando diz que “a entronização do Filho do Homem é um mero símbolo que evoca, com a chegada do reinado de Deus, o dom do poder terrestre ao povo que lhe dá suporte concreto” ⁶. Ao

⁶ GRELOT. Op. Cit. p.39.

considerar a figura de “um como Filho do Homem” como símbolo que representa os santos do Altíssimo, procura eliminar a questão de haverem dois destinatários distintos para uma mesma promessa. Para ele, o segundo seria o representante do poder divino aqui na terra. Porém, a ideia apresentada em Daniel é a de que os santos do Altíssimo participarão do reino de “um como Filho do Homem”, e, por causa dele, recebem essas promessas.

2.2. O Messianismo em I Enoque⁷

O livro de Enoque (I Enoque) é dividido em 5 (cinco) partes. A primeira é onde contém o relato da desobediência dos anjos. A segunda, com alegorias, traz à luz questões messiânicas. A terceira é a chamada de livro astronômico. A quarta é o livro histórico. E a quinta e última parte é o livro ascético. Como no presente trabalho, o assunto tratado é o messianismo e, no momento, pretendemos analisar que tipo de Messias o livro apresenta, vamos tentar estudar principalmente a segunda parte do livro.

Analisaremos três títulos citados no texto, *Eleito*, *Filho do Homem*, e *Ungido*, tentando compreender que relação os mesmos podem ter com a figura do Messias. Para isso, precisaremos tentar responder questões como: quem são os possuidores de tais títulos? Qual sua natureza? Qual é sua origem? Quais são os seus papéis?

2.2.1 Eleito

Levando em consideração os três títulos destacados acima, esse é o título mais citado na segunda parte do livro de Enoque (17 vezes). A origem do Eleito não é terrena, ele é celestial (LXI) e eterno (XLIX). Mas, mesmo tendo uma origem celestial, ele habitará na terra, junto com os eleitos, depois que a mesma for transformada e convertida em bênção (XLV). Ele é juiz e rei, pois se assenta no trono para julgar (XLV, LI, LV, LXI). O poder para julgar e reinar não lhe é próprio, mas emana do Senhor dos Espíritos, pois foi Ele quem o colocou no seu trono (LXI), quem o elegeu, pois ele é Eleito do Senhor dos Espíritos (XLV, LV), que o faz habitar junto com os

⁷ Os textos de I Enoque utilizados são da tradução do livro: Apócrifos e Pseudepígrafos da Bíblia. Vol 1. São Paulo: Novo Século, 2004.

eleitos na terra. Seu reinado se dará com justiça e fidelidade (XXXIX), e reinará em favor dos justos e santos, e abaterá os poderosos que agem perversamente (LV).

Um título que, além dos três propostos, também é citado no texto em estudo é “o Escolhido”. Esse, quando usado em (LXI), refere-se claramente ao Eleito, por duas razões: 1- o texto diz que ele habitaria entre os eleitos, pois segundo a fala do Senhor dos Espíritos, quem habitará entre os eles será o Eleito. 2- O Eleito também é mencionado como um personagem central, duas vezes no desenrolar do texto. Em (XLVIII), aparece mais uma vez, agora, como “Meu Escolhido”, possivelmente se referindo diretamente ao título “Filho do Homem”, que será analisado a seguir.

2.2.2. Filho do Homem

O título “Filho do Homem” é citado doze (12) vezes no texto em estudo. No capítulo XLVI, Enoque faz uma pergunta semelhante a que nos propomos a fazer inicialmente (Quem é o Filho do Homem?). Ao ver um com o aspecto de homem, e que possuía um rosto semelhante ao de um Anjo Santo, ele quer saber quem é. Em resposta, o Anjo que o acompanhava lhe disse que era o Filho do Homem, a quem pertencia a justiça, que destrutura os fortes e abate os pecadores.

O Filho do Homem é apresentado como celestial e preexistente, pois o mesmo foi “escolhido” e “mantido” pelo Senhor dos Espíritos “antes que o mundo fosse criado”. Na condição de escolhido, recebe das mãos de quem o escolheu, os reis e os poderosos da terra (XLVIII). Ele assentará no trono de sua glória e os reis e poderosos, e todos os senhores da terra o glorificarão, pois ele reina sobre todas as coisas, e, estando antes em oculto, foi revelado aos escolhidos, então haverá um florescimento da comunidade dos escolhidos e dos santos (LXII). É um juiz, pois recebeu do Senhor dos Espíritos a condução do julgamento, ao exercer sua jurisdição, destruiu os pecadores e perversos, a fim de aniquilar da terra todas as obras más (LXIX).

Em Enoque LXXI, na sétima parte, o Filho do Homem, aparentemente, é identificado com Enoque, quando o Ancião diz: “este é o Filho do Homem que haverá de nascer para a justiça”, porém, isso não passa de uma confusão, pois, logo em seguida, na parte oito, o Ancião dirigindo-se a Enoque, referindo-se ao Filho do Homem, diz: “Ele saúda-te em nome do mundo que há de vir”. É improvável que alguém faça uma saudação a si mesmo. Além do mais, na conversa do Ancião com Enoque, quando o mesmo fala do Filho do Homem, sempre o faz na terceira pessoa, o

que indica que não se refere ao autor do livro, com quem conversa. Vale referir também que a segunda parte do livro de Enoque termina dizendo que junto ao Filho do Homem encontrar-se-á vida, que a justiça nunca abandonará os que andam em seus caminhos, e os justos só terão paz, e para todo o sempre andarão em retidão.

2.2.3 Ungido

De todos os títulos em análise, este é o que menos ocorre em Enoque XXXVII – LXXI, apenas duas (2) vezes. Aparece em XLVIII como “Ungido do Senhor dos Espíritos”, na mesma proporção de “meu Escolhido”, referindo-se ao Filho do Homem. Já em LII, o Ungido glorioso, forte e poderoso é claramente o Eleito. Sugerimos que se pense que o Eleito, o Filho do Homem e o Ungido sejam o mesmo personagem. Uma análise cuidadosa e detalhada dos textos nos faz chegar a essa conclusão. O simples fato de o título Ungido ter sido usado duas vezes, uma em referência ao Filho do Homem, e outra ao Eleito, já nos forneceu uma luz sobre o assunto, como vimos, mas, vamos caminhar um pouco mais.

Respondendo às questões referentes aos títulos que analisamos, levantadas no início dessa parte do messianismo em Enoque, vamos, também, procurar identificar algumas semelhanças entre as respostas dadas aos dois títulos. Em relação às semelhanças, começando da origem, sabemos que ambos os personagens não são terrenos, mas celestiais. Quando falamos da natureza deles, da mesma forma são semelhantes: O Eleito é eterno (LXI), o que indica que não houve tempo em que não era, nem haverá época na qual não será. O Filho do Homem, por sua vez, é preexistente (XLVIII), sempre existiu, antes da criação. Portanto, podemos entender que tanto um como o outro não foram criados.

O registro contido no livro de Enoque mostra um Eleito que se assenta no trono da sua majestade, esse julgará as obras dos santos do céu, colocando-as na balança (XLV, LXI), mas também relata que o Filho do Homem está assentado no trono de sua glória, e julgará os povos, condenará os perversos e destruirá o mal (LXII, LXIX). Assim sendo, ambos assentarão no trono de sua majestade/glória para julgar, exercendo o papel de juízes. Agirão em favor dos justos, pobres e oprimidos, e contra os perversos opressores. Os justos conviverão com o Filho do Homem, comendo, deitando-se e

levantando-se por toda a eternidade (LXII). E quando o texto usa o título Escolhido, referindo-se claramente ao Eleito (por isso optamos por não desenvolvê-lo separadamente em nosso estudo), também diz que ele começará a habitar entre os eleitos (LXI).

Tanto no reino do Eleito, como no do Filho do Homem, a comunidade dos justos será beneficiada e gozará de grande paz, vivendo em harmonia. Os ímpios receberão como castigo pelos seus pecados, a condenação que lhes causará destruição. Ambos se apresentam como um justo juiz, que julga cada um com retidão. Um fator que não pode deixar de ser considerado é que o Eleito e o Filho do Homem agem debaixo da autoridade do Senhor dos Espíritos. Seus reinados não são provenientes deles mesmos. Foi o Senhor dos Espíritos quem assentou o Eleito no trono da sua majestade. Quando o Filho do Homem assentou no seu trono de glória, “foi confiada a ele” a condução do julgamento. Aqui, a narrativa se aproxima muito de Daniel 2 (dois), em que a pedra “foi cortada” sem auxílio de mão humana.

2.3. O Messianismo em Isaías⁸

Acredita-se que o livro foi escrito pelo profeta Isaías, cujo pai, Amoz, é descrito no primeiro versículo (Isaías 1.1), onde também é dito que o conteúdo do livro é uma visão que o profeta teve durante o reinado de Uzias, Jotão, Acaz e Ezequias, reis de Judá. Entre os estudiosos, não se percebe uma preocupação em estabelecer qual o ano de seu nascimento, mas sim o início e fim de sua carreira pública, ou ministério profético. Sua atividade profética teve início com uma visão que ele teve no ano da morte do rei Uzias, cerca de 740 a.C. (capítulo 6), e, acredita-se que o fim ocorreu durante o reinado de Manassés, quando foi martirizado, provavelmente depois de 681 a.C., pois, em Isaías 37.37,38, encontra-se o registro da morte de Senaqueribe.

Isaías, ao que parece, tinha acesso à corte real, chegando a ser uma espécie de conselheiro do rei Ezequias, tendo recebido certo respeito até a morte do mesmo, ocorrida por volta de 698 a.C. Mas, é importante destacar que sua mensagem não foi muito aceita por seus contemporâneos. Hoje, muito tem sido dito sobre as teorias: Deutero-Isaías, em que se acredita que os capítulos 40-66 foram escritos por um autor desconhecido que viveu no sexto século, na Babilônia, em cerca de 540 a.C.; e Trito-

⁸ As referências aqui são tiradas de SAGRADA, Bíblia. **Almeida Revista e Atualizada**. Barueri: Sociedade bíblica do Brasil, 2006.

Isaías, a qual divide o deutero-Isaías, sustentando que os capítulos de 56-66 foram compostos por volta de 450 a.C, em Jerusalém. Compartilhamos a posição que defende a unidade do livro, crendo ter sido o Isaías histórico do oitavo século o autor de sua totalidade, porém, cremos que a posição tomada não vai comprometer o nosso estudo, visto que o propósito é identificar o messianismo presente no texto do livro, não importando se o mesmo foi escrito por uma, duas, ou mais pessoas.

2.3.1. Isaías 9.1-7

Mas para a terra que estava aflita não continuará a obscuridade. Deus, nos primeiros tempos, tornou desprezível a terra de Zebulom e a terra de Naftali; mas, nos últimos, tornará glorioso o caminho do mar, além do Jordão, Galiléia dos gentios. 2 O povo que andava em trevas viu grande luz, e aos que viviam na região da sombra da morte, resplandeceu-lhes a luz. 3 Tens multiplicado este povo, a alegria lhe aumentaste; alegam-se eles diante de ti, como se alegram na ceifa e como exultam quando repartem os despojos. 4 Porque tu quebraste o jugo que pesava sobre eles, a vara que lhes feria os ombros e o cetro do seu opressor, como no dia dos midianitas; 5 porque toda bota com que anda o guerreiro no tumulto da batalha e toda veste revolvida em sangue serão queimadas, servirão de pasto ao fogo. 6 Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu; o governo está sobre os seus ombros; e o seu nome será: Maravilhoso Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz; 7 para que se aumente o seu governo, e venha paz sem fim sobre o trono de Davi e sobre o seu reino, para o estabelecer e o firmar mediante o juízo e a justiça, desde agora e para sempre. O zelo do Senhor dos Exércitos fará isto.⁹

Esse texto apresenta uma mudança na condição de um povo através do nascimento de um menino. Percebe-se que o primeiro termo do texto é uma conjunção adversativa, assim sendo, a oração é adversativa. O uso do *mas* no início da oração sugere um contexto anterior, o qual é apresentado no capítulo oito: uma terra angustiada, cheia de escuridão e sombras de ansiedade. Em contraponto com esse contexto, é apresentada uma mensagem de esperança, mas a terra que estava aflita não continuará a obscuridade. O texto apresenta uma mensagem de salvação, que segundo Ridderbos, “é descrita em primeiro lugar como uma libertação política externa. É libertação do “pesadelo” assírio predita anteriormente”¹⁰. A alegria do povo é proveniente da quebra de um jugo, e os instrumentos utilizados para oprimir serão destruídos.

⁹ Id. Ibid. p. 685.

¹⁰ RIDDERBOS, J. *Isaías. Introdução e Comentário*. São Paulo: Mundo Cristão, 1986. p. 115.

A mensagem de esperança presente em Isaías 9 (nove) está estreitamente relacionada ao nascimento de um menino que tem o governo em suas mãos. “O que é falado a respeito dele até agora ultrapassa os limites humanos comuns, de forma que de maneira alguma o profeta podia ter em mente um príncipe terreno, mas devia estar referindo-se diretamente ao grande Rei do futuro que seria chamado, em sentido especial, de Messias ou Ungido” ¹¹. Embora o texto indique um governo com implicações terrenas, aquele que governa, mesmo com a característica humana do nascimento, não pode ser visto como meramente humano.

O Rei é designado por meio de títulos descritivos: Maravilhoso Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade e Príncipe da Paz. Tais títulos nos indicam a natureza do Rei. “Deus Forte” sugere uma natureza sobre-humana; “Pai da Eternidade”, uma vez atrelada a seu reino indica que esse (reino) durará para sempre; “Príncipe da Paz” é alguém que implantará um reino de paz; “Maravilhoso Conselheiro”, um rei que reinará com justiça, cujos conselhos serão maravilhosos. O versículo 7 (sete) aponta que esse rei representa a casa de Davi, pois seu nascimento trará paz sem fim sobre o trono de Davi, que será estabelecido mediante juízo e justiça. E todos esses feitos serão realizados por causa do zelo do Senhor dos Exércitos. O “Messias” não estabelece seu reino por conta própria, mas, seu trono é firmado pelo Senhor.

2.3.2. Isaías 11-12

Comecemos pelo seguinte comentário:

Agora, em agudo contraste com a humilhação do império mundial, o profeta descreve a elevação da casa de Davi na pessoa de um Rei, cuja grandeza ultrapassa de tanto os limites humanos ordinários que, à semelhança do menino miraculoso de 9.6, não pode ser outro senão o Messias ¹².

Aqui também é prometido um menino, o rebento que sairá do trono de Jessé, esse não reinará e julgará com um poder terreno, mas com o poder do Espírito do Senhor, que é fonte de sabedoria, entendimento, conselho, fortaleza, conhecimento e de temor do Senhor (mais uma vez o “Messias” não reina à parte de Deus, é o Senhor que é a

¹¹ Id. Ibid. p. 116.

¹² Id. Ibid. p. 116.

fonte do reino messiânico). Seu reino será de retidão, justiça e fidelidade em favor dos pobres e mansos da terra, e contra o perverso.

Será um reino de paz porque a harmonia é descrita de forma surpreendente nos versículos 6-9 do capítulo 11 (onze), no qual, por causa do conhecimento do Senhor, animais predadores andarão amigavelmente com suas presas. Será um reinado de glória, de maneira que todas as nações recorrerão a esse Rei descendente de Jessé. Através do reinado do rebento, o Senhor abençoará o seu povo, resgatando os desterrados de Israel e dispersos de Judá, buscando-os de onde estiverem. O povo do Senhor se verá livre de seus inimigos.

A importância de Deus no reino messiânico é tão certa, que, mesmo com o nascimento de um Rei messiânico da linhagem de Jessé, no capítulo 12 (doze), no canto de louvor pela restauração de Israel, o alvo das ações de graça é o próprio Deus. É o Senhor que é a salvação, a força e o cântico daqueles que a alcançaram. É o nome de Deus que será invocado, e os feitos realizados são atribuídos a Ele.

2.3.3. Isaías 32.1-8

Eis aí está que reinará um rei com justiça, e em retidão governarão príncipes. 2 Cada um servirá de esconderijo contra o vento, de refúgio contra a tempestade, de torrentes de águas em lugares secos e de sombra de grande rocha em terra sedenta. 3 Os olhos dos que vêm não se ofuscarão, e os ouvidos dos que ouvem estarão atentos. 4 O coração dos temerários saberá compreender, e a língua dos gogos falará pronta e distintamente. 5 Ao louco nunca mais se chamará nobre, e do fraudulento jamais se dirá que é magnânimo. 6 Porque o louco fala loucamente, e o seu coração obra o que é iníquo, para usar de impiedade e para proferir mentiras contra o SENHOR, para deixar o faminto na ânsia da sua fome e fazer que o sedento venha ter falta de bebida. 7 Também as armas do fraudulento são más; ele maquina intrigas para arruinar os desvalidos, com palavras falsas, ainda quando a causa do pobre é justa. 8 Mas o nobre projeta coisas nobres e na sua nobreza perseverará.¹³

Temos em tal texto uma promessa do governo de um rei justo, após promessa de libertação do domínio assírio (31.7). Precisamos considerar que tal livramento é anunciado mediante a conversão dos filhos de Israel ao Senhor (31.6), (em todos os textos estudados até agora, o livramento de uma situação de opressão, e a participação

¹³ SAGRADA. Op. Cit. p. 703-704.

no reino do “Messias” só será uma realidade para aqueles que forem justos diante do Senhor).

A respeito do rei que reinará com justiça, descrito no texto em estudo, escreve Ridderbos:

É ele o Messias? Certamente isto não fica tão claro aqui como nos capítulos 9 e 11. Só umas poucas palavras referem-se ao Rei, e depois Ele é eclipsado pelos príncipes do versículo 2. Assim, pode-se pensar que o profeta está descrevendo aqui apenas uma volta aos tempos melhores da antiguidade, quando Israel tinha um rei e príncipe segundo o coração de Deus (cf. 1.26). De qualquer forma, esse rei deveria ser um tipo do Messias¹⁴.

A única coisa que é dita a respeito do rei é que ele reinará com justiça. Logo em seguida, o assunto é a maneira que os príncipes procederão no reino. A grande importância dada às obras dos príncipes é inegável no texto, porém, uma vez que servem ao reino, de fato, o que está sendo apresentado é o que acontecerá no reinado do justo rei, e os meios pelos quais se darão tais acontecimentos.

Podemos dizer que os documentos analisados neste capítulo influenciaram os grupos contemporâneos a Jesus, no que diz respeito à esperança messiânica, pois eram textos de origem judaica aos quais ao menos os judeus pertencentes aos grupos letrados tinham acesso. Por isso, fez-se necessário analisarmos os messianismos presentes nestes textos, para compreendermos melhor a ideia messiânica no judaísmo do tempo de Jesus.

¹⁴ RIDDERBOS. Op. Cit. p. 242.

3. ESPERANÇA MESSIÂNICA JUDAICA NO TEMPO DE JESUS

No tempo de Jesus, os grupos judaicos também tiveram suas esperanças messiânicas. Embora alguns estudiosos as tratem com certa generalização, não as abordando separadamente, cada grupo tinha a sua, e elas, por vezes se cruzavam. Seria impossível não existir certas semelhanças, pois, os detentores das tradições messiânicas foram influenciados pelo mesmo grupo de documentos messiânicos ¹⁵, assim como pela tradição oral existente naquele ambiente; eles também viveram em um mesmo contexto político, social e religioso, embora suas situações tivessem marcadas diferenças.

Neste capítulo, falaremos sobre o contexto social, político e religioso da época; ofereceremos uma visão panorâmica das tradições messiânicas judaicas; e, por fim, trataremos da esperança messiânica presente nos essênios e nos fariseus.

3.1. O Ambiente Político, Econômico, Social e Religioso

Para compreendermos as esperanças messiânicas presentes nos grupos judaicos existentes no tempo de Jesus, é necessário conhecermos seu ambiente político, social e religioso. A causa fundamental disso é que toda revolta ou dissidência tem como origem principal o descontentamento com a realidade existente. Como ao falarmos da sociedade israelita estamos falando de uma sociedade que vivia um contexto político instável, e, com isso, uma economia que determinava uma estratificação social bem acentuada, é muito relevante a análise desses pontos para tentarmos compreender os messianismos existentes. Acrescentamos a isso as questões religiosas, como fatores determinantes no pensamento dos israelitas também no período contemporâneo a Jesus.

Entendemos que para melhor análise da sociedade judaica no tempo de Jesus, faz-se necessário um estudo prévio do período que o antecede. Conforme descreve Ekkehard W. Stegemann e Wolfgang Stegemann ¹⁶, a terra de Israel, a partir da terça parte do século 4 a.C, foi profundamente marcada por uma sequência de conquistas, e na maior parte do tempo, foi dominada por dinastias estrangeiras. A fase de dominações das quais estamos falando começou com os ptolomeus do Egito, após, passou a ser

¹⁵ A referência aqui é a literatura judaica, da qual faz parte os textos estudados no primeiro capítulo.

¹⁶ STEGEMANN, W. Ekkehard. STEGEMANN, Wolfgang. **História Social do Protocristianismo. Os Primórdios no Judaísmo e as Comunidades de Cristo no Mundo Mediterrâneo**. São Leopoldo: Sinodal. São Paulo: Paulus, 2004.

exercida pelos selêucidas da Síria, no final do século 3 a.C. Já na segunda metade do século 2, os hasmoneus assumiram o poder através da revolta dos macabeus, e, por fim, iniciou-se o período de dominação romana pouco antes da metade do século primeiro a.C.

O fato de viverem sob constante dominação, deixou, sem dúvida, os israelitas em uma condição indesejável. As constantes alternâncias de dominação também trouxeram mudanças constantes na política, economia, organização de classes sociais e interferências no pensamento religioso. Os dominadores estrangeiros colocaram pesadas cargas sobre as costas dos israelitas através de mecanismos como a cobrança de tributos. O peso da dominação era sentido em maior escala (como acontece em todo o processo de colonização), pelos mais pobres, alguns foram reduzidos à escravidão por não conseguirem pagar as altas dívidas.

Em todo esse período citado, a sociedade judaica, em termos gerais, tinha dois grupos no tocante à estratificação social, o que resultava em um verdadeiro antagonismo socioeconômico. O primeiro estrato era a elite dominante e seu séquito, esse era formado pelas forças hegemônicas ou dominadoras estrangeiras, sendo que no período da dinastia hasmonéia essa hegemonia não pertencia a estrangeiros, mas à elite judaica, formada por membros de famílias importantes. A esse respeito, Stegemann nos informa que, “contudo, essas forças sempre se apoiavam nos membros do estrato superior judaico nativo e seu séquito, isto é, na “aristocracia” composta de famílias sacerdotais e também de famílias leigas”¹⁷.

Se por um lado, existia uma elite dominante, por outro, o segundo estrato era composto pela grande massa. Como estamos falando de uma sociedade rural, vale ressaltar que a esse grupo menos favorecido pertenciam, principalmente, os camponeses judeus. “Como a espinha dorsal da Antiguidade, também na terra de Israel, era a atividade agrícola, confortavam-se, com isso, em princípio, os interesses dos agricultores (nativos) e do respectivo estrato dominante”¹⁸. Para o desenvolvimento da atividade agrícola era necessária a posse da terra, assim sendo, em tese, quem possuía terra tinha melhores condições. A importância da terra para a economia levou à “concentração da posse da terra na mão de poucos latifundiários”¹⁹. Uma vez que as terras não eram suas, os camponeses se viam levados a fazerem arrendamentos ou

¹⁷ Id. Ibid. p. 121.

¹⁸ Id. Ibid. p. 121.

¹⁹ Id. Ibid. p. 131.

trabalhar como empregado dos grandes latifundiários. Os pequenos donos de terra, por sua vez, eram sufocados com os tributos devidos aos governantes.

A tensão existente (no período dos ptolomeus e selêucidas) entre dominadores e dominados através da sujeição política, imposição de grandes cargas tributárias e um processo de helenização gerou uma resistência popular, que, por sua vez, desencadeou numa rebelião camponesa conhecida como “guerra dos macabeus”. A revolta recebeu esse nome por causa do seu líder, Judas Macabeu. Horsley e Hanson colocam também os “hasidim”²⁰ como instigadores da revolta, mas afirmam que possivelmente a maior parte dos que aderiram a essa extensa guerra de resistência eram pessoas comuns, camponeses ²¹. O fato de os camponeses terem sido a principal parte dissidente é compreensível. Sem dúvida, deu-se pelo fato de eles estarem em uma situação extremamente desfavorável em relação à classe dominante judaica que, ao apoiarem as hegemonias estrangeiras, sofria menos o peso da opressão.

Diante dos dados levantados, chegamos à conclusão de que, sob a dominação dos conterrâneos hasmoneus, os judeus, possivelmente, tenham vivido o período de maior autonomia. Isso aconteceu, provavelmente, pelo fato de a liderança da dinastia hasmonéia ser composta por judeus, mas, isso não quer dizer que não houve insatisfações da parte do povo de Israel. Ao que parece, o resultado da forte resistência aos dominadores selêucidas não foram os esperados pelos camponeses judeus, por aqueles que ajudaram os hasmoneus a assumirem o poder:

Os camponeses judeus tinham suportado com êxito uma guerra de libertação nacional, provavelmente com uma significativa inspiração apocalíptica. Entretanto, o resultado não deve ter sido exatamente o que muitos esperavam. Explorando a continuidade da popularidade da liderança vitoriosa dos macabeus, Simão fez com que uma assembleia nacional o proclamasse sumo sacerdote, comandante militar e líder perpétuo da nação, e conseguiu passar o governo para seu filho João Hircano. Com isso estabeleceu a dinastia hasmonéia, que durou quase um século. O que tinha começado como uma revolta de camponeses judeus, uma guerra de guerrilha contra os exércitos Selêucidas, terminou não na implantação do Reino de Deus, mas simplesmente no estabelecimento de uma nova dinastia de sumos sacerdotes

²².

É verdade o fato de que, quando um determinado grupo se revolta com o poder dominante, é para que seus interesses sejam satisfeitos. Assim sendo, o grupo que

²⁰ Grupo também conhecido como *assideus*. Como devotos e piedosos, eram dedicados à lei.

²¹ HORSLEY, Richard A. HANSON, John S. **Bandidos, Profetas e Messias**. *Movimentos Populares no Tempo de Jesus*. São Paulo: Paulus, 1995. p. 35-36.

²² Id. Ibid. p. 37.

assumir o poder deve fazê-lo para representá-los. Quando isso não acontece, mesmo que a situação não seja tão precária quanto antes, surge novamente a inquietação. É nesse ambiente que Richard Hosley e John Hanson situam a origem dos essênios e dos fariseus, não descartando a possibilidade de que esses grupos tenham se originado do segmento da sociedade judaica que pertenciam os “hasidim”²³. Nesse contexto também nasce um terceiro grupo religioso, o grupo aristocrático sacerdotal conhecido como saduceus²⁴. Esse terceiro grupo, no tempo de Jesus, dividia as posições no sinédrio com os fariseus, com os quais vivia em constantes disputas.

Esse contexto de injustiças sociais não solucionado com a ascensão da dinastia hasmonéia promoveu o surgimento de grupos de resistência motivados por esperanças de mudança de sua situação, as quais podemos chamar de messiânicas. Elas estavam presentes tanto entre os letrados, quanto entre o povo simples. “Os líderes populares efetivamente reconhecidos como reis pelos seus sequazes lideraram revoltas armadas contra os romanos e seus colaboradores judeus da classe alta”²⁵. Os seguidores desses líderes os viam como reis messiânicos. Em termos gerais, essa era a forma como se apresentava a esperança messiânica do povo simples, na tentativa de se ver livre da opressão imposta pela aristocracia. Quanto aos grupos letrados, podemos identificar como se estruturavam no que diz respeito à esperança messiânica.

Não temos muitas obras, pelo menos em português, que tratem da esperança messiânica nos grupos judaicos do tempo de Jesus. Alguns estudiosos falam deste assunto de modo geral. George Eldon Ledd, em sua teologia do Novo Testamento, diz que no judaísmo as expectativas messiânicas se revelam na esperança em um rei ungido capacitado com poderes sobrenaturais que estabeleceria um reino terreno e político, destruindo as nações pagãs, libertando e trazendo paz a Israel²⁶. Já Oscar Cullmann diz não ter existido, no tempo de Jesus, uma concepção única e firme acerca do messias, ele destaca, porém, o fato de que os judeus contemporâneos de Jesus eram unânimes na esperança em um redentor nacional: predominando a figura do Messias político, não possuíam a noção de um *Messias* mártir, um *Ebed Iahweh*, ou servo sofredor, pois supunham um libertador que reinaria no âmbito terreno sobre todas as nações²⁷.

²³ Id. Ibid. p. 38.

²⁴ Id. Ibid. p. 38.

²⁵ Id. Ibid. p. 106.

²⁶ LEDD George Eldon. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2003. p. 184.

²⁷ CULLMANN. Oscar. **Cristologia do Novo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2008. pp. 150-156.

Assim sendo, em termos gerais, as esperanças messiânicas tinham em comum a libertação do povo Israelita, povo de Deus, do poderio do império romano. A libertação seria realizada pelo messias, um rei ungido pelo Deus de Israel. Cullmann diz ainda que algumas pessoas (aqui ele cita o redator da profecia de Zacarias 9.9 como um dos representantes desse posicionamento) entendiam que a maneira como o messias conquistaria a liberdade do povo de Israel seria de uma forma pacífica, enquanto outros, que por sinal eram a maioria, acreditavam que seria um rei guerreiro que, evidentemente, tornaria a nação livre por meio de batalhas, promovendo a destruição de todos os inimigos (o autor cita os Salmos de Salomão para representar esse posicionamento) ²⁸. Aqui temos uma divergência de posicionamentos, o que é comum quando se trata de grupos diferentes. A partir de agora, portanto, falaremos do messianismo especificamente entre os essênios e os fariseus.

3.2. O messianismo nos essênios e nos fariseus

3.2.1. Os Essênios

O primeiro grupo a ser citado será os essênios. Retomando a questão de sua origem, é provável que eles tenham derivado dos “hasidim” que, ao lado dos hasmoneus, foram muito importantes na instigação à revolta macabaica ²⁹. Horsley e Hanson identificam os essênios com a comunidade que viveu no deserto de Qumran, afirmando também que foram eles os autores dos manuscritos encontrados naquela região:

Está cada vez mais claro que o grupo conhecido em fontes antigas como essênios era o mesmo da comunidade utópica que viveu no deserto de Qumrã, onde foram recentemente encontrados os seus escritos, os manuscritos do mar Morto. ³⁰

Esse posicionamento faz com que eles usem os termos “essênios” e “comunidade de Qumrã” para designarem o mesmo grupo. Essa também será a posição adotada neste estudo, embora tenhamos conhecimento dos muitos debates a esse respeito. Elcio Sant’anna, utilizando-se de fontes como Lawrence Schiffman, ressalta o caráter

²⁸ Id. Ibid. pp. 153-154.

²⁹ Ver a parte que fala do ambiente político, econômico, social e religioso de Israel (pp.19-23).

³⁰ HORSLEY. HANSON. Op. Cit. p. 38.

duvidoso da afirmação de que os essênios tenham sido os guardiões e portadores dos textos do Mar Morto ³¹. Por conta desta escolha, usaremos os nomes: comunidade de Qumran, qumranitas, escritos ou manuscritos de Qumram e essênios para designar o mesmo grupo.

Na tentativa de explicar qual teria sido o fator determinante para a formação do grupo dos essênios, Horsley e Hanson, citando G. Vermes, afirmam:

Talvez a explicação mais satisfatória para a origem da comunidade de Qumrã seja a de que, em reação direta à assunção ilegítima do sumo sacerdócio pelos asmoneus, numerosos *hasidim* se retiraram para o deserto junto ao mar Morto, a fim de continuar sua disciplinada preparação para o advento do reino de Deus.³²

O motivo de a assunção dos hasmoneus ao poder, como sumos sacerdotes, ter sido considerada ilegítima pelos “hasidim”, dos quais, posteriormente, alguns teriam dado origem aos essênios, seria o fato de o sumo sacerdócio sempre ter sido ocupado por um membro da família sadoquita, com exceção do período da reforma helenística, e os hasmoneus pertencerem a uma família sacerdotal que não era sadoquita³³. Partindo desse ponto de vista, podemos deduzir que os essênios eram possivelmente formados por membros da família sacerdotal sadoquita, além de muitos outros judeus que se identificaram com a ideologia do grupo, e, por isso, a sucessão legítima do sumo sacerdócio rompida pelos helenistas, e, depois, desprezada pelos hasmoneus, era tão problemática assim.

A respeito dos essênios, habitantes do deserto em Qumrã, é consenso entre vários autores, como, por exemplo, Helmut Koester (2005), Richard Horsley e John Hanson (1995), dentre outros, o fato de que havia uma expectativa em relação a dois Messias, sendo um o Messias sumo sacerdote e o outro o rei messiânico. A propósito desses Messias, no ponto de vista essênio, “o sacerdote ungido é a figura mais destacada e claramente tem primazia em todas as questões importantes” ³⁴. Essa informação nos mostra que, para os essênios, as expectativas referentes ao sacerdote ungido têm posição de destaque em relação às que dizem respeito ao rei ungido.

³¹ SANT’ANNA. Elcio. **Literatura e Religião Bíblica**. Um Acesso a Partir das Ciências da Religião. São Paulo: Reflexão, 2010. pp. 243-244.

³² HORSLEY. HANSON. Op. Cit. p. 38.

³³ Id. Ibid. p. 39.

³⁴ Id. Ibid. p. 101.

Essa ideia de um Messias sacerdote maior e mais importante que um Messias rei, no tocante à bibliografia aqui referida, não era comum entre os grupos do tempo de Jesus, assim sendo, essa era uma concepção própria dos essênios. Isso pode ser explicado se considerarmos que a comunidade de Qumran era de origem sacerdotal ³⁵. Dito isso, abordaremos agora a esperança messiânica nos fariseus.

3.2.2. Os fariseus

Esse grupo provavelmente se originou do mesmo grupo de onde derivaram os essênios, os “hasidim”. Porém, embora também tenha sido um grupo dissidente, difere dos essênios em alguns aspectos: Os fariseus não se retiraram para um ambiente onde pudessem viver isolados, nem eram exclusivistas como os qumranitas, mas permaneceram vivendo entre a sociedade judaica, estabelecendo relações com o povo, de maneira que pudessem influenciá-lo. Juan Mateos e Fernando Camacho, após reconhecerem a ascendência que os fariseus gozavam sobre o povo, baseados em Lucas 16.15 (o texto que parece corroborar mais com a ideia defendida é Lucas 16.14), dizem que, por causa da sua soberba, eram olhados com antipatia ³⁶. Esses autores, porém, podem estar fazendo seus comentários com um posicionamento tendencioso, pois, ao escrever isso, Lucas o faz pela ótica cristã. Esse era o pensamento do autor do evangelho, não podemos dizer, porém, que o povo pensava da mesma maneira, pois, na verdade, o que podemos perceber é que os judeus viam os fariseus com grande admiração.

Aparentemente, os fariseus viviam em harmonia com a dinastia hasmonéia até o rompimento com João Hircano. Até esta ruptura, as regulamentações legais eram da alçada deles. Assim, todo o seu ideal de pureza e observância à Torá e a algumas tradições especiais, as quais não objetivamos discutir aqui, estava presente na regulamentação das leis judaicas nesse período. O fato é que a influência dos fariseus no governo dos hasmoneus era notória até o cisma com João Hircano, e depois, com Alexandra, continuaram a influenciar na administração hasmonéia. Citando Josefo, Stegemann diz que, no governo de Alexandra, a participação dos fariseus no poder aconteceu de forma tão crescente que eles chegaram a ser administradores de todo o

³⁵ LEDD. Op. Cit. p. 184.

³⁶ MATEOS. Juan. CAMACHO. Fernando. **Jesus e a Sociedade de Seu Tempo**. São Paulo: Paulus, 1992. p. 37.

estado ³⁷. Isso nos mostra com que empenho os fariseus se aplicavam à tentativa de influenciar a política na Judéia, sendo muito mais que um grupo religioso.

A desavença entre os fariseus e João Hircano aconteceu porque “os fariseus supostamente pediram a Hircano que se contentasse com a realeza (apenas o governo político) e renunciasse ao sumo sacerdócio (isto é, à autoridade sócio-religiosa)”³⁸. Hircano, então, decidiu não acatar o pedido dos fariseus, rompendo com os mesmos. Neste período, a influência dos fariseus diretamente ao governo se tornou inviável, porém, o simples fato de, com a morte de Hircano, o grupo voltar e exercê-la, mostra-nos que essa nunca havia deixado de existir totalmente. A verdade é que todos sabiam do grande prestígio que os fariseus tinham entre o povo, isso era um grande motivo para que os governantes os tratassem cuidadosamente. Outro problema entre os fariseus e os hasmoneus foi a perseguição empreendida por Alexandre Janeu, quando, após os fariseus envolverem os selêucidas nos conflitos intrajudaicos, Janeu mandou crucificar 800 revoltosos³⁹. Entre os crucificados estavam alguns fariseus.

Quando olhamos esse contexto, o pensamento mais natural é o de que os fariseus concordavam com a realeza da dinastia hasmonéa, negando-se apenas a aceitarem a legitimidade sacerdotal. Porém, Richard Hosley e John Hanson partem de um pressuposto bem diferente quando dizem que, ao propor a renúncia do sumo sacerdócio, os fariseus estavam propondo, na realidade, o desaparecimento da base dos hasmoneus, pois o governo desses era alicerçado não em um trono real, mas no sumo sacerdócio tradicional ⁴⁰. Essa ideia é melhor compreendida quando Pierre Grelot, diferenciando as críticas dos fariseus das dos essênios em relação à dinastia hasmonéa, diz que, no caso dos fariseus, essa crítica “baseia-se visivelmente na fidelidade à dinastia davídica, sem nenhuma alusão à questão do sacerdócio ilegítimo” ⁴¹.

Não conhecemos nenhum documento que fale das esperanças messiânicas que seja indiscutivelmente de autoria farisaica, porém, documentos conhecido como Salmos de Salomão, produzidos por um autor desconhecido foi aceito no círculo desse grupo por volta de 63 a.C.⁴² Interpretando o documento conhecido como Salmo nº 17 de

³⁷ STEGEMANN. Op. Cit. p. 186.

³⁸ HORSLEY. HANSON. Op. Cit. p. 42.

³⁹ STEGEMAN. Op. Cit. p. 186.

⁴⁰ HORSLEY. HANSON. Op. Cit. p. 42.

⁴¹ GRELOT. Op. Cit. p. 85. Este autor atribui o salmo a um fariseu, porém, alguns autores, os quais não abordaremos aqui, tem posicionamento diferente a esse respeito.

⁴² LADD. Op. Cit. p. 184.

Salomão, escrito provavelmente após os últimos anos de Alexandre Janeu, Pierre Grelot afirma:

Uma recordação das promessas feitas a Davi introduz a evocação dos usurpadores asmoneus destronados por Pompeu (vv. 5-12); o poeta descreve a seguir a provação presente, levada a seu clímax pela dominação ímpia de uma potência estrangeira (vv. 13-22). Daí resulta um apelo veemente à vinda do rei filho de Davi (vv. 23-35a), cujo reinado ideal restituirá a Israel a fidelidade e a felicidade (vv. 35b- 49)⁴³.

Percebemos aqui, certa nostalgia em relação ao período do reinado davídico e às promessas feitas a ele. Ao que parece, aos olhos do salmista, o período em vigência não é equiparável ao que foi prometido a Davi, principalmente porque o reino não está sob a posse de um descendente dele. O autor desse salmo faz oposição tanto à dinastia hasmonéia, quanto aos estrangeiros romanos (vv. 5-22). Desta forma, a esperança messiânica dos fariseus consistia na vinda de um rei filho de Davi. Essa esperança reprovava os reinados hasmoneus e romanos porque eles não pertenciam à linhagem davídica, não sendo, dessa maneira, os legítimos detentores do trono real de Israel. Pelo contrário, o primeiro reinado foi exercido por judeus que usurparam o trono davídico, e o segundo o foi por uma potência estrangeira.

É preciso dizer, para finalizar este tópico, que, quanto à estrutura social, à vida comunitária e suas regras, não é possível distinguir as coisas no caso dos fariseus com a mesma facilidade como no da comunidade de Qumrã. Mas, sem dúvida, a vida comunitária dos fariseus era organizada de forma menos rígida do que a dos essênios⁴⁴. Passaremos, a partir daí, a discutirmos essas esperanças em relação a Jesus.

⁴³ GRELOT. Op. Cit. p. 82.

⁴⁴ STEGEMANN. Op. Cit. p. 180.

4. JESUS E AS ESPERANÇAS MESSIÂNICAS ESSÊNIAS E FARISAICAS

Já vimos que no tempo de Jesus existiam várias esperanças messiânicas entre os judeus e que muitas dessas esperanças remontam a períodos anteriores. No capítulo anterior, vimos quais eram as esperanças presentes nos essênios e nos fariseus. Nosso objetivo, neste capítulo, porém, é saber se Jesus assumiu ser o messias esperado por seus contemporâneos judeus, e, principalmente por esses grupos. Levando em consideração a fala de Günther Bornkamm quando disse que ao realizarmos uma pesquisa histórica sobre Jesus, não devemos fazê-la com base, diretamente, no que ele disse ou fez concretamente, mas baseados no que escreveram a respeito ⁴⁵, utilizaremos como base os textos dos evangelhos que descrevem a pessoa e obra de Jesus enquanto viveu.

Limitaremos nossa pesquisa aos evangelhos tidos como canônicos. Não faremos uma exegese dos textos citados, mas daremos um olhar crítico sobre os mesmos. Assim, trataremos da pessoa de Jesus, sua origem, região onde cresceu e exerceu seu ministério, seu envolvimento com essênios e fariseus; analisaremos qual a visão que as pessoas tinham de Jesus; e, por último, a visão que Jesus tinha sobre si mesmo.

4.1. A Pessoa e Obra de Jesus

Conforme os relatos do nascimento e infância de Jesus, contidos no evangelho de Mateus e no evangelho de Lucas, Jesus foi filho de uma judia chamada Maria, e, mesmo sendo gerado pelo Espírito Santo, e nascido por concepção virginal, foi reconhecido como filho por José, marido de Maria. É difícil determinar a historicidade de uma concepção virginal, na qual um bebê não teria sido gerado por um homem e uma mulher, nem por meio do ato sexual, mas pelo Espírito Santo de forma milagrosa (milagrosa porque no relato do nascimento de Jesus não aparece o elemento do ato sexual entre uma divindade e uma mulher, como aparece na cultura grega ⁴⁶), mas estamos tratando de documentos que descrevem vários atos milagrosos, questionar a historicidade de alguns destes milagres é questionar a fé cristã. Por isso, assumiremos

⁴⁵ BORNKAMM, Günther. **Jesus de Nazaré**. São Paulo: Teológica, 2005. p. 89.

⁴⁶ Cito aqui a história do nascimento de Rômulo, Hércules, Aquiles etc.

em nossa pesquisa, sempre que possível, uma posição conservadora em relação aos textos bíblicos.

Mateus e Lucas colocam Belém da Judeia como o local do nascimento de Jesus. Porém, muitos estudiosos questionam essa afirmação dizendo ser impossível sua autenticidade histórica⁴⁷. Estes colocam uma cidade da Galiléia, chamada Nazaré, como o local de nascimento de Jesus. A identidade da cidade natal de Jesus é importante para a interpretação de algumas profecias tidas como messiânicas, conforme Mateus 2.4-6 que se apoia em Miqueias 5.2, livro do Antigo Testamento bíblico. De qualquer forma, os evangelhos que relatam a infância de Jesus, são unânimes quanto ao fato de que ela se deu em Nazaré. Lucas afirma que José morava em Nazaré da Galiléia, e, por ocasião de um recenseamento, foi para Belém, sua cidade de origem, onde Jesus teria nascido (Lucas 2.1-7). Mateus, nada falando a respeito de Nazaré como a moradia de José, e do recenseamento que teria ocasionado a ida deste para Belém, diz que, depois de regressarem do Egito, de onde estavam fugindo de Herodes, José foi habitar em Nazaré. Assim sendo, independentemente do local do nascimento de Jesus, sabemos que sua infância se deu em Nazaré da Galiléia.

José, pai de Jesus era descendente de Davi, assim, Jesus também foi reconhecido como pertencente à casa de Davi. Esse dado poderia ter sido de extrema importância para alguns grupos judaicos que esperavam um messias descendente de Davi, como era o caso dos fariseus. Os moradores de Nazaré que moravam na mesma cidade na qual Jesus foi criado nos fornecem a informação de que o pai dele, José, foi carpinteiro (Mateus 13.55), e que o próprio Jesus também foi carpinteiro (Marcos 6.3), trabalhando no mesmo ofício de seu pai. Os textos citados também nos informam que Jesus tinha irmãos, os nazarenos dizem que Tiago, José (o mesmo nome do pai), Judas e Simão são irmãos de Jesus. Ainda é mencionada a existência de irmãs, as quais não são identificadas por nome, nem é dito nada acerca de quantas eram.

Nas páginas do Novo Testamento não percebemos nenhum indício de que Jesus tenha tido contato com os essênios. No início de seu ministério público, principalmente, é notória sua aproximação com João batista, por quem foi batizado no rio Jordão (Mateus 3.13-16). Os registros que temos sobre João nos dizem que ele pregava no deserto da Judeia (Mt 3.1), e em relação a seus hábitos, sabemos que se vestia de pelos

⁴⁷ Entre os defensores dessa ideia estão Günther Bornkamm e Giuseppe Barbaglio.

de camelo, usava um cinto de couro, e se alimentava de gafanhotos e mel silvestre (Mt 3.4). Sua pregação consistia principalmente no convite ao arrependimento e, por meio deste, à remissão de pecados (Mc 1.4). Ele pregava também o reino dos céus.

O fato de João batista ter o deserto como palco de sua atividade, porém, não nos permite pensar que ele tenha sido um essênio. Os textos que falam a respeito de João nos dão a entender que ele tinha um ministério próprio, não vinculado a um grupo específico, seja aos essênios ou a outro. Aliás, sua aversão aos fariseus e saduceus que iam ao batismo (Mt 3.7) não deixa dúvidas de que ele não pertencia também a esses dois grupos. João tinha seus próprios seguidores.

Ao atrelar o anúncio do reino dos céus, ou reino de Deus, ao arrependimento, é evidente que João tinha um ideal de pureza, não daquela pureza ritual presente nos fariseus, mas uma pureza que se daria através do verdadeiro arrependimento e remissão de pecados. Falaremos da visão de João sobre Jesus no próximo tópico, quando formos falar sobre como as pessoas viam Jesus. Podemos dizer ainda que João não esperava dois Messias, um Messias sumo-sacerdote e um rei messiânico. João Batista esperava alguém mais poderoso que ele, alguém com poder para julgar abençoando os justos e condenando os injustos. Não percebemos em João alusão alguma à linhagem deste (messias?). Ele não esclarece se este haveria de vir da linhagem de Zadoque, ou da casa de Davi.

Já em relação aos fariseus, os evangelhos do Novo Testamento nos informam que tiveram contato com Jesus durante praticamente todo o seu ministério. Porém, ao que parece, o clima entre eles não era muito agradável. Muitos foram os embates entre os fariseus e Jesus, esses são relatados principalmente no quarto evangelho, ou evangelho de João. Por várias vezes, os fariseus tentaram pegar Jesus em algum erro, fazendo-lhe perguntas capciosas para o porer à prova. A discordância entre Jesus e esse grupo é tanta que Jesus chega a orientar seus discípulos a não se deixarem influenciar pela doutrina farisaica. No relato de Mateus 16.6, Jesus adverte os discípulos a se acautelarem do fermento dos fariseus e dos saduceus. Marcos 8.15 diz que a advertência foi para se guardarem do fermento dos fariseus e de Herodes. Em ambos os textos, portanto, citam os fariseus, e em Lucas 12.1, apenas os fariseus. Quando ocorre uma aproximação amigável, Jesus, ao invés de concordar ou ser influenciado pelo

pensamento desse grupo, propõe a ele uma nova maneira de pensar, como no encontro com Nicodemos, conforme João 3.1-15.

Em seu ministério público, Jesus se relacionou principalmente com pessoas comuns dentre o povo. Podemos perceber isso ao analisarmos as ilustrações, também chamadas de parábolas, usadas por ele, pois essas geralmente apresentam elementos do campo (ex. a parábola do fermento, do grão de mostarda, dos trabalhadores da vinha). Seus discípulos também faziam parte do povo simples, apenas Mateus, ou Levi se destaca por ser publicano, ou coletor de impostos, porém, ao que parece ele não era um homem de muitas posses, pois não percebemos essa característica nos relatos, nem uma disposição em doar seus bens aos pobres como em Zaqueu, o maioral dos publicanos. Jesus comia com pecadores, abençoava as crianças e permitia que mulheres fizessem parte daqueles que o seguiam. Bornkamm, a esse respeito diz: “e tem um séquito muito esquisito. Fazem parte do grupo inclusive aqueles que qualquer rabi consciencioso trataria de afastar de si: mulheres e crianças, publicanos e pecadores”⁴⁸.

4.2. Como as Pessoas viam Jesus

Os judeus contemporâneos a Jesus não tiveram somente um pensamento a seu respeito. Cada grupo social e religioso lançou um ou mais olhares sobre sua pessoa e ministério. Nesta sessão, vamos identificar, com base nos relatos dos evangelhos canônicos, como as pessoas viam Jesus, que opinião lançavam sobre ele. Temos consciência de que os autores destes evangelhos os escreveram com um propósito específico. Mas, cremos que, para atingirem seu propósito, os evangelistas apenas optaram por escrever relatos que corroboram para tal, porém, jamais usaram inverdades para convencer seus leitores.

João batista aplica a Jesus toda sua esperança em um poderoso líder que viria depois dele. Desta forma, para João, Jesus era quem ele anunciara que seria extremamente mais poderoso que ele: Teria poder para julgar justos e injustos, dando a cada um a recompensa de seus atos, para os maus a condenação, para os bons, porém, a salvação. João se vê como aquele que anuncia a vinda de Jesus, esse anúncio é intimamente ligado ao do reino dos céus, assim, podemos entender que o batista

⁴⁸ BORNKAMM. Op. Cit. p. 103-104.

percebeu Jesus como aquele que inauguraria esse reino. Esse aspecto nos faz concluir que João viu em Jesus claramente uma figura messiânica, no entanto, João batista, por ocasião de sua prisão, parece questionar a messianidade de Jesus, quando manda seus discípulos perguntar-lhe se ele era o que estava para vir, ou haveriam de esperar outro Mt 11.3. Aparentemente, nesse ponto, o que João ouviu a respeito das obras que Jesus estava realizando não era compatível com sua esperança messiânica.

As diversas visões do povo a respeito de Jesus fizeram com que o imaginassem ser diversos personagens (Mt 16.13,14). Um deles é João batista, que teria ressuscitado dentre os mortos, esse era o pensamento de Herodes segundo Mateus 14.2. Porém, Marcos e Lucas não especificam se Herodes pensava assim, mas dizem que tal entendimento fazia parte da compreensão de alguns a respeito de Jesus. Tal pensamento nos leva à conclusão de que os feitos de Jesus chegaram ao ápice, após a morte de João. Algumas pessoas diziam também que ele era Elias, enquanto outras o identificavam com Jeremias ou algum dos outros profetas.

A entrada triunfal de Jesus em Jerusalém, descrita em todos os quatro evangelhos, revela-nos que grande parte do povo colocou Jesus no centro de suas esperanças messiânicas. Os versículos 8 e 9 do capítulo 21 do evangelho de Mateus dizem que “a maior parte da multidão estendeu as suas vestes pelo caminho, e outros cortavam ramos de árvores, espalhando-os pela estrada. E as multidões, tanto as que precediam como as que o seguiam, clamavam: Hosana ao Filho de Davi! Bendito o que vem em nome do Senhor! Hosana nas maiores alturas!”. O texto de Lucas 19.38 diz: “Bendito é o Rei que vem em nome do Senhor”, e em Marcos 11.10 está escrito: “Bendito o reino que vem, o reino de Davi, nosso pai”. É fato incontestável que, além dos fariseus, grande parte do povo de Israel tinha suas esperanças messiânicas em um rei descendente de Davi.

Os fariseus que estavam entre a multidão, ao verem como as pessoas receberam Jesus na entrada de Jerusalém, pediram que ele repreendesse o povo (Lc 19.39). Existem pelo menos duas possibilidades para compreendermos a causa desse pedido: A primeira delas é a de que os fariseus não concordavam com a opinião do povo. Não temos dificuldades de pensar desta maneira, porém, cremos que se esse fosse o foco dos fariseus, eles teriam outra atitude, na tentativa de opor-se a Jesus e à maneira a qual a multidão se referia a ele. A segunda é a de que é possível que essa ocasião tenha sido tão marcante, e que o povo claramente proclamara Jesus como Rei de Israel, o Messias

descendente de Davi, que os fariseus tenham ficado temerosos de uma possível represália dos romanos. Esse pensamento é possível se considerarmos o fato de que os vários pretendentes ao trono real desde a dominação romana deixaram o império romano alerta a possíveis revoltas.

Os fariseus, ou pelo menos alguns integrantes deste grupo, a priori, tiveram certo nível de consideração por Jesus, isso fica claro quando Nicodemos, um dos principais dos judeus, vai visitá-lo (Jo 3.1-15), e quando um dos fariseus o chamou para jantar com ele em sua casa (Lc 7.36). Esse grupo viu Jesus e seu movimento como algo digno de atenção, por conta disso percebemos a presença de alguns de seus integrantes em vários eventos do ministério público de Jesus. Porém, as muitas discussões entre Jesus e os fariseus mostram que eles se opunham a Jesus, principalmente quando este diz perdoar pecados (Lc 5.20,21), e afirma ser o filho de Deus (Jo 5.17,18). Devido a coisas como essas, os fariseus viam Jesus como alguém que não observava a Lei de Moisés, chegando a persegui-lo, acusando-o de não guardar o sábado, e realizar curas neste dia (Jo 5.16). Para eles, Jesus nunca seria aquele filho de Davi que exerceria seu governo sobre Israel, fazendo com que a lei fosse cumprida.

A dissidência entre o ministério de Jesus e as doutrinas dos fariseus foi tanta que Mateus descreve (duas?) ocasiões em que estes acusaram Jesus de ter expelido demônios pelo poder de Belzebu, o chefe dos demônios (Mt 9.34; 12.24). Em Mateus 12.23, a multidão admirada com o feito de Jesus ao expulsar o demônio e, assim, curar o homem cego e mudo, pergunta se Jesus seria o Filho de Davi. Fica claro aqui que ao acusarem Jesus de não expelir demônios senão pelo poder do maioral dos demônios, os fariseus estão tentando negar a questão levantada pela multidão. Os fariseus não veem Jesus como o Messias esperado da casa de Davi, por isso, precisam convencer o povo de que os sinais e prodígios realizados por ele não são feitos pelo poder de Deus.

Não podemos negar a importância da visão que os discípulos de Jesus tiveram de seu mestre. Um texto muito usado pelos estudiosos para avaliarem a messianidade de Jesus é a confissão de Pedro. Quando Jesus perguntou aos discípulos quem eles diziam que ele era, ou seja, como eles o identificavam, Simão Pedro, representando os discípulos disse: “Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo” (Mt 16.16), “Tu és o Cristo” (Mc 8.29), e “És o Cristo de Deus” (Lc 9.20). Existem variações nos três relatos da confissão de Pedro, porém, sua essência não muda, em todos os relatos aparece a

afirmativa de que, para Pedro, e para os discípulos, se entendermos que estão sendo representados por Simão, Jesus era de fato o Cristo, o Messias. Pedro não usa aqui a expressão Filho de Davi, mas, “Cristo filho do Deus vivo”, conforme Mateus, e “Cristo de Deus”, de acordo com Lucas. Assim, não estabelece que tipo de esperança tinha nesse Cristo, mas deixa claro que está falando de um Messias estabelecido por Deus.

Ao que parece, os romanos não viam em Jesus um pretendente ao trono real, pois não percebemos nenhuma aversão a ele. Pilatos, por ocasião do julgamento de Jesus, após interrogá-lo, diz que não vê nele mal algum (Lc 23.4,14), mesmo depois de ouvir as acusações das quais Jesus estava sendo acusado, de ser agitador do povo e de reclamar para si o título de Cristo Rei, chegando a orientar o povo a não pagar tributo a César (Lc 23.2). Pilatos chega a propor a soltura de Jesus, por ocasião da páscoa, e demonstra certa insistência quando o povo decide por soltar Barrabás. É difícil de imaginar que os romanos não tenham ficado sabendo a respeito da entrada de Jesus em Jerusalém, onde a multidão prestava a ele honrarias de rei, esses estavam prontos a agirem contra qualquer ameaça de revolta contrária ao império romano. Isso explicaria o medo dos fariseus presentes. Mesmo assim, não agiram com nenhuma forma de represália contra Jesus ou contra a multidão. Visto isso, podemos passar a considerar como o próprio Jesus se via.

4.3. Como Jesus viu a si mesmo

Muitas eram as esperanças messiânicas no judaísmo do tempo de Jesus, essa é uma afirmação corrente em nosso trabalho. A questão a ser tratada aqui é se Jesus assumiu para si alguma dessas esperanças, mais precisamente a esperança messiânica presente nos essênios e nos fariseus. Só responderemos à questão da autoconsciência messiânica de Jesus, se conseguirmos identificar como ele viu a si próprio, e a seu ministério. Neste estágio, procuraremos responder a essas questões. Para tal, utilizaremos as falas de Jesus contidas nos evangelhos, suas declarações, e também usaremos como argumento a maneira que conduziu seu ministério público, e a forma como reagiu às tentativas de o proclamarem rei, ou às declarações de que ele era o Messias.

Em João 6.14,15, quando o povo, depois de testemunharem o sinal da multiplicação de pães e peixes realizado por Jesus, o identificam com um profeta que havia de vir ao mundo, e intentam arrebatá-lo para proclamá-lo rei, Jesus, sabendo da intenção do povo, se retira para o monte para que tal coisa não acontecesse. A tentativa de proclamá-lo rei identifica o profeta do versículo 14 com o messias. Podemos observar em Jesus uma resistência à opinião pública de tê-lo como um rei terreno. Se o mesmo pretendesse o trono real, essa seria uma das ocasiões nas quais ele teria a oportunidade de, aproveitando a disposição do povo em apoiá-lo, se autoproclamar rei formando um grupo de resistência ao império romano.

Como um judeu nascido e criado em sua terra, seria impossível que Jesus não conhecesse grande parte das esperanças messiânicas presentes em seu tempo. Portanto, abraçando-as ou não ele o teria feito de forma consciente. Ao se declarar o Cristo, seria necessário que ele definisse que tipo de Cristo seria. Não possuímos nenhuma declaração de Jesus, na qual reclame para si o título de Messias, e em nenhum texto ele se autoproclamou rei. Porém, temos algumas situações nas quais ele teve que lidar com declarações de terceiros de que era o Cristo, e com tentativas de proclamarem-no rei.

A entrada em Jerusalém montado em um jumentinho é o momento em que Jesus mais se aproxima das esperanças contidas na tradição, e que possivelmente, era do conhecimento de pelo menos grande parte daqueles que presenciaram tal evento. Jesus claramente lança mão da profecia de Zacarias 9. Tal profecia anuncia a vinda de um Rei justo e salvador. Quando a multidão o declarava Rei, não percebemos nenhuma reprovação de sua parte. É impossível que Jesus não tenha percebido que o povo queria proclamá-lo Rei, mas, o fato é que prefere não se pronunciar a esse respeito. Quando alguns fariseus pediram-lhe que repreendesse seus discípulos, ele lhes respondeu que se eles se calassem as pedras clamariam (Lc 19.39,40).

Citamos algumas razões para crermos que nesta ocasião Jesus deixa claro a sua pretensão ao trono real se enquadrando nas esperanças messiânicas do povo. Acreditamos que essa também foi a interpretação do povo, pois, o mesmo recebe Jesus com honrarias de Rei e tentam proclamá-lo como tal. Porém, suas ações posteriores até o dia de sua morte nos desencorajam a pensarmos que ele se viu como tal Rei messiânico. Jesus tinha um grande número de simpatizantes do seu movimento, isso era tudo o que um pretendente ao trono real queria para tentar tomá-lo do imperador

romano, mas, em momento algum o percebemos incitando o povo a se rebelar contra o imperador. Jesus não responde favoravelmente à proclamação de Rei, pois não incita o povo à revolta. O fato é que não foram os oficiais romanos os que buscaram prender Jesus, mas os fariseus e os saduceus⁴⁹. Também, após interrogá-lo, o governador Pilatos disse não encontrar nada digno de morte nele, é inconcebível que o governador tenha dado tal veredito a alguém que se declarasse pretendente ao trono real.

Voltemos à confissão de Pedro e observemos a reação de Jesus diante da mesma. No relato de Mateus, Jesus parece concordar com a afirmação de Pedro de que ele era o Cristo (Mt 16.17). Devemos, porém, levar em consideração que Mateus viu Jesus como o Cristo, e seu propósito ao escrever o evangelho que leva seu nome foi mostrar que Jesus o é de fato. Em seguida, porém, Jesus adverte seus discípulos para que a ninguém dissessem ser ele o Cristo (Mt 16.20). Em Marcos 8.30 essa advertência é mais enfática, Jesus deixa claro que a ninguém devem dizer tal coisa a seu respeito, e depois começa a falar dos sofrimentos pelos quais o Filho do Homem haveria de passar (Mc 8.31). Lucas 9.21,22 segue o mesmo padrão de Marcos, advertência para que a ninguém declarassem tal coisa, e anúncio do sofrimento pelo qual haveria de passar. Não é possível conceber a ideia de um messias sofredor no judaísmo do tempo de Jesus. Portanto, ao introduzir essa ideia, Jesus estava declarando não se enquadrar nas esperanças messiânicas que os judeus de seu tempo cultivavam.

O interrogatório feito pelo sumo sacerdote Caifás perante o sinédrio é mais uma ocasião onde Jesus é questionado a respeito de sua messianidade. Em tese, em relação à pergunta de Caifás, qualquer que fosse a resposta de Jesus, este se comprometeria, como explica Cullmann:

Evidentemente, quer jogar-lhe um laço a fim de comprometê-lo, em qualquer que seja sua resposta. Indubitavelmente esperava uma declaração afirmativa, já que estimava que Jesus havia exercido seu ministério com pretensão messiânica. O sumo sacerdote necessita de uma declaração messiânica pronunciada pelo próprio Jesus, para poder substanciar a acusação preparada contra ele e denunciá-lo aos romanos como agitador político. Pois pretender o título e a função de Messias, significaria que Jesus quer restabelecer o trono de Davi; portanto, estabelecer um governo independente. Desta maneira o sumo sacerdote teria um motivo de acusação. Até mesmo uma resposta negativa não lhe seria necessariamente desfavorável, pois desacreditaria

⁴⁹ Grupo político-religioso surgido, possivelmente, no período hasmoneu que, no tempo de Jesus, dividiam os assentos no Sinédrio com os fariseus.

Jesus aos olhos do povo: este, decepcionado, se desligaria dele ou ainda, se voltaria contra ele. A resposta de Jesus, qualquer que fosse, devia, portanto, comprometê-lo.⁵⁰

Não é sábia a afirmação de que o sumo sacerdote ao rasgar suas vestes acusando Jesus de blasfêmia, quando este respondeu à sua pergunta, teria feito isso porque Jesus assumira ser o Messias, pois sabemos que Caifás procurava ocasião para acusá-lo, assim, não é difícil que este tenha torcido o entendimento do sentido da resposta de Jesus. Definir qual o verdadeiro sentido da resposta de Jesus não é uma tarefa fácil. O texto de Marcos 14.62 aparentemente atesta que Jesus respondeu afirmativamente, mas em Mateus 26.64 e Lucas 22.67 a resposta é incerta. Porém, tanto em Marcos quanto em Mateus, Jesus lança mão do título de Filho do Homem, o qual não pretendemos discutir aqui. E assim o faz em diversas outras passagens. Na verdade, o único título que podemos dizer seguramente que o próprio Jesus atribuiu a si mesmo foi o de Filho do Homem, porém, esse sofreria, seria rejeitado e morto (Mc 8.31), ideia presente em diversas ocasiões nas quais Jesus fala deste título referindo-se a si próprio e atribuindo-lhe a ideia do servo sofredor.

Em relação às esperanças messiânicas dos essênios e dos fariseus propriamente ditas, o fato de ser improvável que Jesus tenha tido contato com os essênios, por si só, já é um argumento pra dizermos que ele não teria se identificado com o Messias, ou um dos messias esperados por eles. Da mesma forma, seus confrontos com os fariseus nos mostram que jamais assumiu as esperanças desse grupo. Corrobora com essa ideia o fato de que Jesus direciona sua atenção para mulheres, crianças e até pecadores, seu séquito, e isso jamais seria o que a comunidade de Qunram e os fariseus esperavam em um Messias. Se observarmos os ensinamentos de Jesus e suas práticas ministeriais, perceberemos que elas não se encaixam no ideal do Messias Rei, descendente de Davi dos fariseus e/ou o Messias sumo sacerdote, ou o Rei messiânico dos essênios. A esse respeito diz Bornkann:

É estranho a Jesus, sobretudo, o ideal essênio da pureza cúltico-sacerdotal perfeita, que impunha o dever de evitar qualquer mácula. Sua maneira de lidar com pessoas impuras, a primazia irrestrita que conferiu ao mandamento do amor, antes de tudo ao mandamento do sábado, e sua crítica a toda a casuística legal colocam-no em oposição radical, tanto aos representantes do

⁵⁰ CULLMANN. Op. Cit. p. 156-157.

judaísmo oficial de seu tempo quanto à comunidade elitista dos “filhos da luz”.⁵¹

Para este autor, Jesus jamais assumiu as esperanças messiânicas judaicas de seu tempo. Ao falar da relação entre Jesus e as esperanças depositadas nele, diz:

Um movimento de expectativas messiânicas despedaçadas e de alguém que fora esperado como Messias, mas que, ao mesmo tempo, pela renúncia de apresentar a si mesmo como Messias, frustrou as esperanças depositadas nele. Pois o mais surpreendente é que, de fato, não existe uma única prova segura de que Jesus tenha reivindicado para si qualquer dos títulos messiânicos que a tradição pôs a sua disposição.⁵²

Portanto, com base nos estudos levantados, somos da opinião de que Jesus não assumiu nenhuma das esperanças messiânicas do judaísmo de seu tempo. Nenhum conceito corrente, nenhum título ou cargo que a expectativa judaica lhe punham à disposição serve para legitimar sua missão. Ele não se deixa influenciar pela lógica de nenhum sistema dogmático, ou pela esperança popular. Assim sendo, Jesus, definitivamente, não assumiu as esperanças messiânicas presentes na comunidade de Qunram e nos fariseus.

⁵¹ BORNKANN. Op. Cit. p. 85.

⁵² Id. Ibid. p. 85.

CONCLUSÃO

Conforme vimos, a situação social, política, econômica e religiosa em que viveram os judeus do tempo de Jesus, resultante da série de dominações as quais Israel sofreu desde o reino dos Ptolomeus até o domínio do império romano, junto com a influência de alguns representantes da literatura judaica gerou no povo judeu uma série de expectativas messiânicas. Essas tinham suas diferenças, mas, no geral, consistiam na ideia da vinda de um Rei político, que libertaria Israel da opressão e reinaria com justiça. Ao destacar as esperanças presentes nos essênios e nos fariseus, afirmamos que: o primeiro grupo esperava dois Messias, um Messias sumo sacerdote e um rei messiânico, enquanto o segundo grupo buscava um Messias Rei, descendente da casa de Davi, que reinaria com justiça e tornaria possível o cumprimento da Torá.

Quando analisamos a proposta de Jesus, observando o que os evangelhos canônicos dizem com respeito a sua pessoa e obra, percebemos que ele não assumiu, de forma alguma, nenhuma das esperanças messiânicas judaicas citadas acima depositadas nele. Assim, concluímos que Jesus não correspondeu ao que as pessoas pertencentes ao grupo dos essênios e dos fariseus esperavam de um Messias. Pelo contrário, ele frustrou, não só essas, mas grande parte das esperanças messiânicas de sua época, uma vez que essas, como vimos, consistiam majoritariamente na espera de um líder Político-religioso que viesse libertar Israel da subserviência a governos terrenos considerados ilegítimos.

Diante deste estudo no qual concluímos que Jesus não compartilhou a maior parte das esperanças messiânicas de sua época, faz-se necessário um questionamento: em relação aos cristãos, ao considerar Jesus, o Messias, que tipo de esperanças messiânicas tem sido alimentado hoje? É claro que, como no judaísmo do tempo de Jesus, não encontramos unidade entre os cristãos contemporâneos a esse respeito. Também não pretendemos nos aprofundar nessa questão. O objetivo final deste trabalho, portanto, é apenas provocar uma reflexão a respeito do que nós (cristãos) esperamos de Jesus.

Deste modo, esse trabalho se torna relevante para os dias de hoje porque, em primeiro lugar, é extremamente importante conhecermos a relação de Jesus com seus contemporâneos, principalmente no que diz respeito a aspectos do Reino de Deus. Em segundo lugar, ao analisarmos esperanças messiânicas não cumpridas (como foi o caso dos essênios e fariseus) naquele, reconhecido como Messias pelos cristãos, somos

desafiados a tecer um importante questionamento a respeito das esperanças messiânicas cristãs da atualidade. E, uma vez aprendendo com a história, e, principalmente com a revelação bíblica, podemos saber o que esperar do Messias Jesus.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Apócrifos e Pseudepígrafos da Bíblia. Vol 1. São Paulo: Novo Século, 2004.
2. BORNKAMM, Günther. **Jesus de Nazaré**. São Paulo: Teológica, 2005.
3. CULLMANN, Oscar. **Cristologia do Novo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2008.
4. GRELOT, Pierre. **A Esperança Judaica no Tempo de Jesus**. *Coleção Jesus é o Cristo*. Vol 10. São Paulo: Loyola, 1996.
5. HORSLEY, Richard A. HANSON, John S. **Bandidos, Profetas e Messias**. *Movimentos Populares no Tempo de Jesus*. São Paulo: Paulus, 1995.
6. LEDD George Eldon. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2003.
7. MATEOS, Juan. CAMACHO, Fernando. **Jesus e a Sociedade de Seu Tempo**. São Paulo: Paulus, 1992.
8. RIDDERBOS, J. **Isaías**. *Introdução e Comentário*. São Paulo: Mundo Cristão, 1986.
9. SAGRADA, Bíblia. **Almeida Revista e atualizada**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2006.
10. SANT'ANNA, Elcio. **Literatura e Religião Bíblica**. *Um Acesso a Partir das Ciências da Religião*. São Paulo: Reflexão, 2010.
11. STEGEMANN, W. Ekkehard. STEGEMANN, Wolfgang. **História Social do Protocristianismo**. *Os Primórdios no Judaísmo e as Comunidades de Cristo no Mundo Mediterrâneo*. São Leopoldo: Sinodal. São Paulo: Paulus, 2004.